

Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma unidade de pronto atendimento e unidades básicas de saúde

Self-medication among nursing professionals in a ready care unit and basic health units

La automedicación entre los profesionales de la enfermería en una unidad de atención inmediata y en las unidades sanitarias básicas

Lânia da Silva Cardoso¹, Adriana Maria Costa da Silva¹, Nilton Andrade Magalhães¹, Tatiana Naiana Rodrigues dos Santos Porto¹, Luciana Stanford Baldoino^{1*}, Layane Valeria Amorim¹, Gaubeline Teixeira Feitosa¹, Fernando Melo Ibiapina¹, Érica Natasha Duarte Silva¹, Benedito Pereira de Sousa Neto¹.

RESUMO

Objetivo: Verificar a prática da automedicação entre profissionais de enfermagem atuantes em Unidades Básicas de Saúde (UBS) e na Unidade de Pronto Atendimento (UPA). **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo e exploratório, realizado em uma unidade de pronto atendimento e em unidades básicas de saúde do município. A população amostral foi constituída por 97 profissionais. Os dados foram tabulados no Microsoft Excel e analisados pelo *software Graphpad prism*. **Resultados:** Prevaleceu o sexo feminino com 97% dos participantes, 66% eram técnicos de enfermagem, 52,58% eram casados, idade entre 31 e 45 anos, remuneração de um salário mínimo e um vínculo empregatício. Quanto à automedicação 70,10% fizeram uso irracional de medicamentos nos últimos 30 dias, 68,70% adquiriram os medicamentos em farmácias. A principal causa foi à melhora de um sintoma de forma rápida (42%). A classe mais utilizada foi o analgésico com 48%, ou este associado a outras classes de medicamentos com 40%. Dos efeitos colaterais a sonolência e desconforto abdominal foram mais citados com 18% e 16% respectivamente. **Conclusão:** O maior índice de automedicação foi na UPA e a categoria que mais se automedicou foi a dos enfermeiros.

Palavras-chave: Automedicação, Autocuidado, Uso indevido de medicamentos, Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: Verify the practice of self-medication among nursing professionals working in Basic Health Units (BHU) and Ready Care Unit (PHU). **Methods:** This is a descriptive, quantitative and exploratory study, carried out in a ready care unit and in basic health units of the municipality. The sample population consisted of 97 professionals. The data were tabulated in Microsoft Excel and analyzed by Graphpad prism software. **Results:** Female gender prevailed with 97% of participants, 66% were nursing technicians, 52.58% were married, age between 31 and 45 years, remuneration of a minimum wage and an employment relationship. As for self-medication 70.10% made irrational use of medication in the last 30 days, 68.70% acquired the medication in pharmacies. The main cause was the improvement of a symptom quickly (42%). The most used class was the analgesic with 48%, or this associated with other classes of medication with 40%. Of the side effects, sleepiness and abdominal discomfort were more cited with 18% and 16% respectively. **Conclusion:** The highest rate of self-medication was in the UPA and the category that most self-medicated was the nurses.

Keywords: Self-medication, Self-care, Misuse of medication, Nurses.

¹ Faculdade de Ensino Superior Múltiplo (IESM), Timon - MA. *E-mail: lsbaldoino@hotmail.com

RESUMEN

Objetivo: Verificar la práctica de la automedicación entre los profesionales de la enfermería que trabajan en las Unidades Básicas de Salud (BHU) y en la Unidad de Cuidados Preparados (PHU). **Métodos:** Se trata de un estudio descriptivo, cuantitativo y exploratorio, realizado en una unidad de atención inmediata y en unidades sanitarias básicas del municipio. La población de la muestra estaba formada por 97 profesionales. Los datos fueron tabulados en Microsoft Excel y analizados por el software de prismas Graphpad. **Resultados:** Predominó el género femenino con el 97% de los participantes, el 66% eran técnicos de enfermería, el 52,58% estaban casados, con edades comprendidas entre 31 y 45 años, con remuneración de un salario mínimo y una relación laboral. En cuanto a la automedicación, el 70,10% hizo un uso irracional de la medicación en los últimos 30 días, el 68,70% la adquirió en farmacias. La causa principal fue la mejora de un síntoma rápidamente (42%). La clase más usada fue la de los analgésicos con un 48%, o esta asociada a otras clases de medicamentos con un 40%. De los efectos secundarios, la somnolencia y las molestias abdominales fueron los más citados con un 18% y un 16% respectivamente. **Conclusión:** La tasa más alta de automedicación se registró en la UPA y la categoría que más se automedicó fue la de las enfermeras.

Palabras clave: Automedicación, Cuidado personal, Uso indebido de la medicación, Enfermería.

INTRODUÇÃO

Os medicamentos são fundamentais para alívio de sintomas, recuperação ou manutenção da saúde, no entanto não são isentos de riscos e podem ser perigosos quando usados de forma irracional, o que se torna preocupante devido a reações adversas e a possibilidade de causar intoxicação e levar o paciente à hospitalização bem como aumentar os custos com o tratamento ou em um quadro mais grave provocar a morte do paciente (GAMA ASM, SECOLI SR, 2017).

Quando essa utilização é realizada de forma irracional aumentam os riscos de manifestação dos efeitos adversos. Entretanto é observado que essa prática é muito comum entre profissionais da área de saúde como também em outros grupos da população e vários fatores contribuem para sua ocorrência (CARVALHO TP, et al., 2018).

Silva NA, et al. (2015) define a automedicação como o uso ou indicação de medicamentos não prescritos por um profissional da saúde habilitado para alívio de sintomas ou doença percebida. Alguns sintomas podem estar possivelmente relacionados a doenças pré-existentes e que as mesmas não estão sendo tratadas de forma adequada. Nesse contexto, compreende-se que a automedicação é uma maneira equivocada e perigosa de autocuidado para alívio imediato de sintomas ou tratamento de doenças deduzidas pelo próprio paciente (MATOS JF, et al., 2018).

Outros fatores que contribuem diretamente para a prática da automedicação são dificuldades de acesso aos serviços de saúde, pouca qualidade da assistência prestada aos seus usuários e o alto custo dos serviços privado (PEREIRA FGF, et al., 2017; CARVALHO TP, et al., 2018).

Assim como a facilidade de aquisição de medicamentos sem retenção de receita e aos medicamentos isentos de prescrição (MIP) contribui significativamente para que ocorra o uso indevido dos fármacos associado às questões culturais e socioeconômicas que influenciam nesta prática (REIS MAS, et al., 2018).

No Brasil o hábito da automedicação vem desde os primórdios da civilização, em que os povos usavam ervas de modo empírico para cura de alguma enfermidade (COSTA CMN, et al., 2017).

Estudo conduzido por Arrais PSD, et al. (2016) destaca a população feminina na fase adulta quanto à prática da automedicação, além de que o grau de instrução parece não ser um fator diferencial, uma vez que o uso irracional de medicamentos foi encontrado em todas as classes sociais com diferentes níveis e escolaridades, o estudo demonstrou ainda, prevalência em todas as regiões do país, principalmente na região Nordeste e Centro-oeste, mostrando-se uma prática comum na população brasileira.

No que se refere a equipe de enfermagem é comum à prática desde o período acadêmico (GAMA ASM e SECOLI SR, 2017). Esta situação é preocupante principalmente porque são profissionais que estão diretamente ligados com as orientações de promoção e prevenção da saúde, na dispensação, prescrição e administração de medicamentos, representando o maior percentual dentro das instituições de saúde, e a primeira linha de cuidado junto aos pacientes (PALODETO MFT e FISCHER ML, 2019).

No entanto, a equipe de enfermagem é responsável por prestar um cuidado seguro, eficaz, e de qualidade, centrado no paciente e na família, por meio de orientações, decisões precisas e adequadas, o que melhora a promoção de saúde da população e diminui o risco de doenças. Assim, profissionais que fazem uso indiscriminado de medicamentos poderão disseminar essa prática entre pacientes (OLIVEIRA JKA, et al., 2018).

Tem sido verificado que mais de 70% dos estudantes de enfermagem e aproximadamente 80% dos profissionais de enfermagem recorrem à prática da automedicação. Os fatores condicionantes dessa postura estão relacionados ao estresse, a não estarem imunes a qualquer enfermidade ou comportamento de risco à saúde como apontam estatísticas que reforçam tais fatos aproximadamente 30% dos enfermeiros estão mais propensos que a população em geral a se tornarem quimicamente dependentes de medicamentos e apresentam alguma síndrome relacionada ao trabalho exaustivo, se comparados com outros profissionais (OLIVEIRA FA e TEXEIRA EA, 2016).

É importante, ressaltar que o uso irracional de medicamentos se tornou uma preocupação mundial, discutido e abordado em vários países e considerado um problema de saúde pública. A prática é utilizada principalmente para alívio imediato de sintomas ou tratamento de doenças identificadas pelo próprio indivíduo (PEREIRA JQ, et al., 2018).

Os fatores mais comuns que podem induzir à prática da automedicação são a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, a facilidade de acesso ao medicamento, às propagandas da mídia diariamente, a questão cultural, indicação de terceiros, reutilização de sobras de medicamentos, os conhecimentos de sintomas de doenças já vivenciadas pela pessoa (RIVAS RE, et al., 2018).

Os medicamentos mais referidos na prática da automedicação foram analgésicos e anti-inflamatórios. A dor foi considerada a primeira causa para o uso irracional de medicamentos. Estudo realizado em Portugal também mostrou que universitários da área de saúde se sentem autoconfiantes no uso de medicamentos por conta própria, inclusive antibióticos e apontam como motivo para essa prática as dores e doenças preexistentes (PEREIRA JQ, et al., 2018).

De uma maneira geral, a prática da automedicação e os fatores predisponentes podem estar envolvidos em uma gama de eventos que pode variar de acordo com a população e a cultura. A oferta dos serviços de saúde no Brasil de forma precária desempenha um papel facilitador na automedicação associado à facilidade de aquisição, o elevado número de farmácia, dificuldade de consulta médica entre outros, o que fortalece essa prática (MORTAZAVI SS, et al., 2017).

A tendência à automedicação em profissionais de saúde especialmente os de enfermagem é preocupante, o que pode estar relacionada às atividades laborais, estresse físico e depressão, o que fortalece ainda mais essa forma de autocuidado (DOMINGUES PHF, et al., 2017; MACIEL MPGS, et al., 2017). Porém o uso de medicamentos prescritos, como os psicoativos, é um problema que chama atenção no dia a dia desses profissionais, pois envolve questões éticas e legais (JUNQUEIRA MAB, et al., 2017).

O índice de automedicação entre os brasileiros em 2016 foi de 72%, já no ano de 2018 esse número subiu para 79%, além de aumentar as dosagens para obter uma resposta rápida no alívio de sintomas, 68% da população utiliza-se dessa prática por indicação da própria família (NASCIMENTO WG, et al., 2018). O ato de se automedicar é potencialmente prejudicial à saúde individual e coletiva, pois mesmo os medicamentos de venda livre, considerados simples e sem reação adversa aparente, podem causar reação de hipersensibilidade, intoxicações, hemorragias digestivas, dependência e mascarar sintomas de diversas doenças. Essas consequências geram gastos gigantescos no sistema de saúde (DIAS MC, et al., 2019).

No Brasil, a automedicação representa 35% do consumo de fármacos, sendo que 27% das intoxicações medicamentosas e 16% dos óbitos são resultantes dessa prática. Os hospitais gastam em média de 15 a 20% de seus orçamentos recuperando os possíveis danos causados pelo uso incorreto de medicamentos (VIEIRA DM e CAVELÃO C, 2016).

O conhecimento acerca dos medicamentos e seus riscos na perspectiva do profissional de enfermagem permite que ele faça o uso de maneira equivocada, o que contribui para o agravamento de sintomas e surgimentos de doenças, que por muitas vezes são negligenciadas no momento em que há o alívio paliativo do sintoma. Além de que uso de substâncias consideradas seguras, simples, pode induzir a reações que não são esperadas, em face à posologia, indicação adequada e tempo de tratamento (OLIVERA JKA, et al., 2018).

Neste sentido, considerando a importância da equipe de enfermagem em todas as etapas do cuidado da saúde e a relevância com que ocorre a prática da automedicação entre esses profissionais, é indispensável que se busque mais informações sobre o tema. Ainda se tem verificado escassez de estudos nessa área após levantamentos bibliográficos fato que fortaleceu na escolha do tema.

Associado ao interesse em realizar este estudo está integrado com a vivência e prática assistencial em experiências anteriores no ambiente hospitalar em que o conhecimento e a autoconfiança desses profissionais estão diretamente relacionados ao uso abusivo de medicamentos. Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi verificar a prática da automedicação entre profissionais de enfermagem que atuam em Unidade de Pronto Atendimento e Unidades Básicas de Saúde.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, exploratória de abordagem quantitativa. O mesmo foi realizado em uma UPA e 20 UBS's em um município do Maranhão, no período de agosto a setembro de 2019. A pesquisa foi desenvolvida em uma UPA que é responsável pelo atendimento de urgência e emergência da população de Timon/MA e adjacências. O outro local de realização da pesquisa foi as UBS's do município de Timon/MA, no total são 37 equipes de saúde da família, totalizando-se 109 profissionais de enfermagem incluindo enfermeiros e técnicos de enfermagem. Porém apenas 97 profissionais aceitaram participar da pesquisa.

Após coleta, os dados foram tabulados em planilha do Microsoft Excel, e posteriormente analisados pelo software Graphpad prism. Após a checagem e limpeza do banco de dados foram realizadas análises descritivas (medidas de tendência central e de variabilidade) por meio da distribuição de classes (categorias) das variáveis do estudo.

Com a intenção de observar as associações e as diferenças entre variáveis dependentes e independentes foram realizadas análises bivariadas. Dentre os testes estatísticos, foi aplicado o teste Tukey, um teste de hipóteses que se destina a encontrar um valor de dispersão para duas variáveis nominais, avaliando a associação existente entre variáveis qualitativas. O princípio básico deste método é comparar proporções, isto é, as possíveis divergências entre as frequências observadas e esperadas para certo evento. A significância estatística foi fixada em $p < 0,05$, com intervalo de confiança de 95%.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do CEP da Associação Piauiense de Combate ao Câncer/Hospital São Marcos com parecer de nº 3.609.597/CAAE: 18235619.0.0000.5584.

RESULTADOS

Participaram do estudo 97 profissionais, todos registrados e atuantes, de ambos os sexos e maiores de 18 anos, nas equipes das UBS's foram 65 e da UPA 32 profissionais. Sobre a avaliação do perfil profissional da equipe observou-se que 64 (66%) são técnicos de enfermagem, 33 (34%) enfermeiros dos quais 94 (97%) são do sexo feminino.

Em relação ao estado civil, 51 (52,58%) são casados. A faixa etária predominante foi de 31 a 45 anos com 58 (59,79%). A maioria recebe remuneração de um salário mínimo e tem somente um vínculo empregatício (**Tabela 1**).

Tabela 1 - Distribuição das variáveis sociodemográficas dos profissionais participantes.

Características	Feminino (n)	%	Masculino (n)	%
Estado civil				
Casado	51	52,58	1	1,03
Solteiro	31	31,96	2	2,06
Outros	12	12,37	0	0
Idade				
18 a 24	3	3,09	0	0
25 a 30	18	18,56	0	0
31 a 45	58	59,79	3	3,09
46 a 60	15	15,46	0	0
Renda mensal				
Um	38	39,18	1	1,03
Dois	33	34,02	0	0
Três ou mais	23	23,71	2	2,06
Vínculo profissional				
Um	68	70,10	2	2,06
Dois	22	22,68	1	1,03
Três ou mais	4	4,12	0	0
Horário de trabalho				
Diurno	42	43,30	1	1,03
Noturno	2	2,06	0	0
Diurno e noturno	39	40,21	2	2,06
Diarista	11	11,34	0	0

Fonte: Porto TNRS, et al., 2020.

A prática da automedicação entre os profissionais de enfermagem da UBS e UPA foi realizada por 70,10% nos últimos 30 dias. A realização dessa prática após o trabalho foi observada em 42,43%, e a aquisição desses medicamentos foi realizada principalmente em farmácias.

Com relação às causas que levam à prática da automedicação 41(41,42%) afirmaram que é para melhorar um sintoma de forma rápida; 39 (39,40%) é a demora no atendimento do serviço público de saúde; 13 (13,14%) são influenciados pela família e quatro (4,4%) por amigos ou vizinhos (**Tabela 2**).

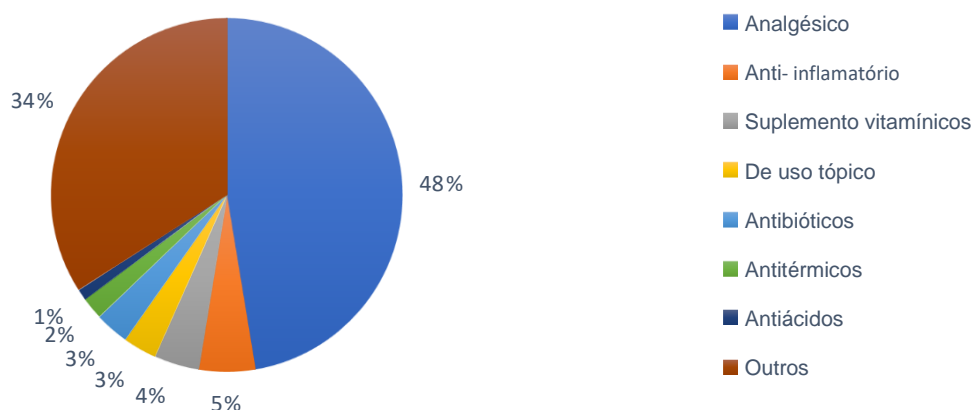
Tabela 2 - Perfil da automedicação entre os profissionais de enfermagem, nas UBS's e UPA, e motivos para a prática.

Automedicou-se nos últimos 30 dias?	(n)	%
Sim	8	70,10
Não	27	27,84
Não lembra	2	2,06
Automedicou-se após o trabalho?		
Sim	42	42,43
Não	55	55,57
Com relação ao acesso dos medicamentos		
Compra na farmácia	68	68,70
Colegas de trabalho	4	4,40
Farmácia hospitalar	13	13,14
Motivos para a automedicação		
Melhora rápida dos sintomas	41	41,42
Demora no atendimento médico	39	39,40
Indicação de familiares	13	13,14
Indicação do balconista ou de amigos	4	4,4

Fonte: Porto TNRS, et al., 2020.

Quanto à classe de medicamento utilizada com maior frequência entre os profissionais sem consultar o serviço de saúde foram os analgésicos com 46 (48%) (**Gráfico 1**).

Gráfico 1 - Medicamentos utilizados com maior frequência pelos profissionais de enfermagem das UBS's e UPA.



Fonte: Porto TNRS, et al., 2020.

Outro fato elencado neste estudo foi à utilização de automedicação pelos trabalhadores de enfermagem na forma de polifarmácia combinando principalmente analgésico, antitérmico, antiinflamatório e antiácido, sendo praticada por 47,37%, seguido pela combinação entre analgésicos e antiinflamatórios com 31,58% (**Tabela 3**).

Tabela 3 - Categoria de medicamentos combinados por profissionais de enfermagem das UBS's e UPA.

Medicamentos combinados	Enfermeiro		Técnico em enfermagem		Total	
	(n)	%	(n)	%	(n)	%
Analgésico + Antiinflamatório	1	5,26	5	26,31	6	31,57
Analgésico+ Antiinflamatório+ Antitérmico	1	5,26	0	0	1	5,27
Analgésico+ Antitérmico	1	5,26	1	5,26	2	10,52
Analgésico/Antitérmico/ Antiinflamatório/Antiácido	3	15,78	6	31,59	9	47,37
Analgésico/Antiácido	1	5,26	0	0	1	5,27
Total	-	-	-	-	19	100

Fonte: Porto TNRS, et al., 2020.

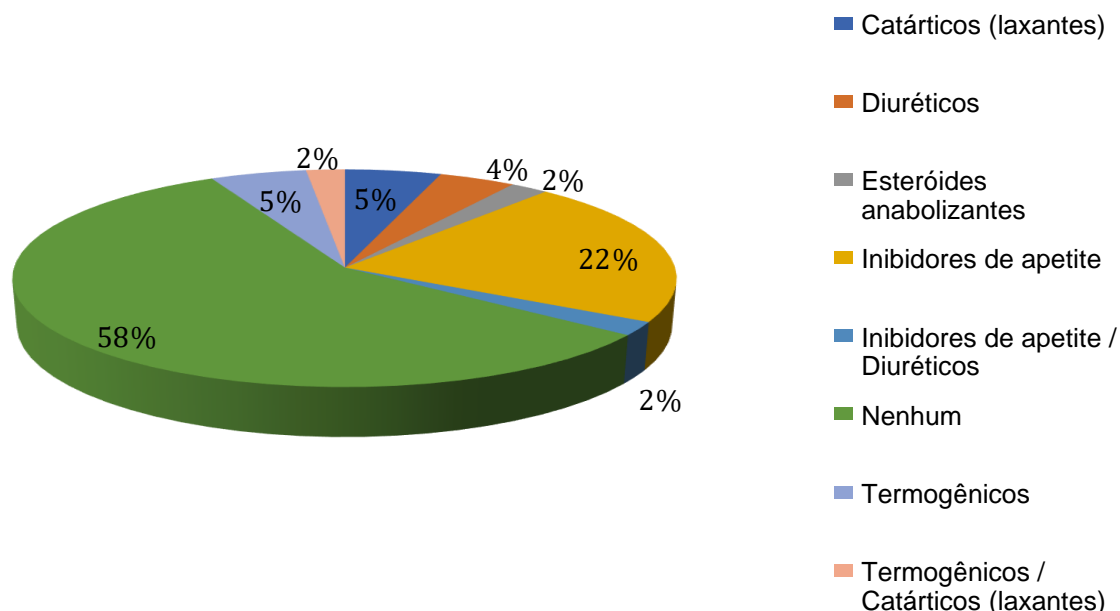
Os efeitos adversos mais citados no estudo foram sonolência 18% e desconforto abdominal 16%. Considerando ainda que grande parte (39%) não sente nenhum efeito adverso, potencializando ainda mais o uso indevido de medicamentos.

A principal conduta dos adeptos do uso irracional de medicamento, quando surge reação adversa é procurar consulta médica (54,64%), seguido dos que esperam uma resposta do sistema imunológico (21,65%). É importante destacar que mesmo após o surgimento desses efeitos 19,59%, repete a prática buscando uma farmácia mais próxima e adquirindo outro medicamento por conta própria, enquanto 4,12% reutilizam medicamento prescrito em consulta anterior.

O aumento da dose durante a prática da automedicação pelos profissionais buscando aperfeiçoar os efeitos terapêuticos foi praticado principalmente pelos técnicos de enfermagem em 82%. Entre os profissionais adeptos da automedicação 10% foram diagnosticados com doença grave, embora acreditassem se tratar de um sintoma passageiro.

A prática da automedicação é realizada também com fins estéticos, nesse estudo, 42% afirmaram fazer uso com esse objetivo, utilizando inibidores de apetite (22%) como laxantes (5%) e diuréticos (4%) bem como, a combinação entre dois ou mais medicamentos para esta finalidade. Outro resultado importante foi o uso de anabolizantes utilizados com fins estéticos pela categoria dos enfermeiros (**Gráfico 2**).

Gráfico 2 - Prática de automedicação com fins estéticos pelos profissionais de enfermagem das UBS's e UPA.



Fonte: Porto TNRS, et al., 2020.

Quanto às categorias profissionais observou-se a prevalência da prática de automedicação em enfermeiros e técnicos de enfermagem que trabalham na UPA, visto que é uma unidade de pronto atendimento de urgência e emergência e a disponibilidade de medicamentos é acessível aos profissionais que prestam cuidados diretos ao paciente (**Tabela 4**).

Tabela 4 - Perfil do profissional de enfermagem que pratica a automedicação nas UBS's e UPA.

Prática	Unidade de Pronto Atendimento		Unidades Básicas de Saúde	
	Enfermeiro (n=10)	Técnico (n=22)	Enfermeiro (n=23)	Técnico (n=42)
Automedicação	80%	77%	74%	62%

Fonte: Porto TNRS, et al., 2020.

DISCUSSÃO

Os profissionais de enfermagem estão entre as profissões predominantemente feminina se encontram presentes em praticamente quase todos os serviços de saúde no mundo, representando a maioria dos trabalhadores que lidam com cuidados de saúde aos indivíduos, famílias e comunidades (JUNQUEIRA MA, et al., 2018).

Os dados sociodemográficos e ocupacionais dos profissionais de enfermagem deste estudo são semelhantes aos realizados em âmbito nacional e internacional, nos quais a maior parte da população foi representada por mulheres, mais de um vínculo empregatício, executando suas atividades em dois turnos de trabalho relacionado principalmente a desvalorização salarial da categoria (SCHOLZE AR, et al., 2017; SOROUGH A, et al., 2018).

Nessa pesquisa verificou-se também comportamento semelhante em relação à carga horária de trabalho que é um reflexo da baixa remuneração recebida por esses profissionais que são de até dois salários mínimos de referência pela maioria. Nas pesquisas dos autores supracitados os profissionais da equipe de enfermagem têm mais de um vínculo empregatício, sendo diferente dos resultados obtidos nesse estudo, onde a maioria possui apenas um vínculo empregatício. Uma possível explicação para essa diferença pode ser o elevado número de profissionais de mercado trabalho para uma baixa oferta de serviço no município.

Os resultados mostraram que a prática da automedicação nesta população é amplamente difundida, mostrando que a automedicação é praticada pela maioria dos profissionais da enfermagem, no qual visam à minimização do transtorno físico ou psíquico apresentado, entretanto sem assegurar a cura.

Considerando que o público pesquisado compõe profissionais qualificados no campo da saúde, assim como os resultados da pesquisa que mostra uma contradição na atuação destes profissionais, conquanto eles deveriam promover o uso racional de medicamentos e não os usá-los de maneira equivocada (JUNQUEIRA MAB, et al., 2017).

Entretanto, a disponibilidade de acesso ao medicamento dentro do local de trabalho ou a ampla disponibilidade do produto no mercado farmacêutico podem facilitar esse uso indiscriminado (SOUSA LAO, et al., 2018). Assim como mostrou este estudo, onde a maioria dos profissionais recorriam a farmácia para adquirir o medicamento, e alguns conseguiam no próprio trabalho ou por meio de colegas, sendo o que mais levou o profissional a se automedicar foi principalmente uma resposta rápida ao sintoma percebido.

Assim como outras pesquisas semelhantes a esta que mostram uma gama de fatores estão envolvidos nesta forma de autocuidado, como, por exemplo, as dificuldades de atendimento no sistema público de saúde, bem como a demora no atendimento e ainda por indicação dos familiares, amigos e atendentes de farmácias (MACIEL MPGS, et al., 2017).

Toro-Rubio MD, et al. (2017), descrevem por meio de pesquisa realizada em Cartagena na Colômbia que identificaram problemas equivalentes ao encontrados neste estudo destacando se a capacidade de familiares influenciar na automedicação, principalmente por caracterizar a doença como simples e recorrente. Além da facilidade de aquisição dos fármacos, adquirindo os analgésicos como primeira escolha para resolução dos sintomas.

Assim como outros estudos também apontaram que os analgésicos e antiinflamatórios são os mais utilizados nessa prática e a dor é considerada a primeira causa para justificar essa conduta (GAMA ASM e SECOLI SR, 2017). Do mesmo modo o estudo realizado no Paquistão que demonstra os analgésicos como preferencial para consumo sem indicação de profissional habilitado. Fato esse que se deve pela facilidade de aquisição e por acreditarem em alívio rápido do sintoma (AZIZ MM, et al., 2018). Desse modo mostrou o estudo conduzido por Esan DT, et al. (2018), que faz referência sobre esse modo de autocuidado até mesmo no abuso de medicamentos prescritos anteriormente. Esses dados mostram que há uma rotina nessa prática entre os profissionais.

Embora, todos sejam conhecedores dos riscos que estão expostos, como foi verificado nessa pesquisa, logo esperava-se comportamentos diferentes daqueles observados no estudo. Além dos profissionais de enfermagem se automedicarem de forma corriqueira, ainda aumentam a dose do medicamento e fazem a combinação de dois ou mais para sintomatologias diferentes, acreditando que resolve o problema.

De uma maneira geral, a prática da automedicação e os fatores predisponentes podem estar envolvidos em uma série de eventos podendo variar de acordo com a população e a cultura. A oferta dos serviços de saúde no Brasil de forma precária desempenha um papel facilitador na automedicação associado à facilidade de aquisição, o elevado número de farmácia, dificuldade de consulta médica entre outros, o que estimula essa prática (MORTAZAVI SS, et al., 2017).

Corroboram com estudo de base populacional conduzido por Sousa LAO; et al. (2018), mostra que essas reações ao medicamento podem surgir em alguns tratamentos e não incapacitam as pessoas a realizarem suas atividades diárias, no entanto, elas podem abandonar o tratamento e dificultar a cura de determinada doença.

Os eventos adversos aos medicamentos como dor abdominal, sonolência, náuseas e dor de cabeça foram os sintomas mais referidos como efeito adverso ao medicamento, levando o profissional a buscar imediatamente a consulta médica.

O conhecimento acerca dos medicamentos e o desconhecimento de seus riscos procedentes dessa prática não pode ser associada à falta de informação na perspectiva do profissional de enfermagem, pois o mesmo consente o uso de maneira equivocada, o que contribui para o agravamento de sintomas e surgimentos de doenças, que por muitas vezes são negligenciadas quando há o alívio paliativo do sintoma. Contudo essa confiança em automedicar-se pode estar relacionada principalmente a prática clínica, além do manuseio dos mais diversos tipos de medicamentos e a recuperação de doenças simples de fácil reversão do quadro clínico (SOROUSH A, et al., 2018).

Semelhante ao resultado deste estudo, Oliveira FA e Teixeira EA (2016), mostram que a prática da automedicação por período prolongado pode aumentar a gravidade da doença, precisando de um medicamento mais potente para resolução do problema. Afirmam ainda que o aparecimento das consequências indesejadas é agravado principalmente pelo uso incorreto da medicação e o tempo que a pessoa leva para descobrir o verdadeiro diagnóstico.

Matos JF, et al. (2018) consideram em estudo que a busca pelo corpo desejado, por meio da automedicação tem levado várias pessoas se submeterem a tratamentos de beleza que oferecem riscos à saúde, entre os quais pode-se citar o uso de medicamentos que transmitem a sensação de ausência da fome como laxantes, diuréticos dentre outros inibidores de apetite, como demonstrou o resultado desta pesquisa, na qual os profissionais de enfermagem se utilizam desses medicamentos negligenciando os riscos adversos e ainda mostrando um autocuidado perigoso com sua própria saúde.

É relevante salientar que o uso de esteróides anabolizantes com fins estéticos também chama a atenção, visto que além dos riscos relacionados a essas substâncias mesmo que em doses terapêuticas o uso da mesma pode acarretar sérios problemas à saúde destes profissionais, no entanto os riscos estão relacionados principalmente ao uso indiscriminado, abusivo e sem fins terapêuticos (COSTA CMFN, et al., 2017).

Resultados semelhantes a um estudo realizado em um hospital de Uberaba/MG mostrou que a prática da automedicação é comum entre esta categoria profissional, devido principalmente pela facilidade de acesso aos medicamentos, somando-se ao manuseio e o conhecimento dos efeitos da droga (BITTAR CML e GONTIJO IL, 2015).

Este estudo notou que não houve diferença estatística significativa ($p > 0,5$) entre os profissionais de enfermagem que atuam nas UBS's e UPA do município de Timon/MA. Fica claro, diante do exposto que a automedicação é comum nessa população, além de outras consequências proporciona o agravamento de fatores predisponentes, além de que o autocuidado por meio do uso inadequado de medicamentos proporciona o mascaramento de doenças, o que pode dificultar o diagnóstico e prolongar a cura da doença.

Portanto, com a automedicação é possível obter o alívio aos sintomas imediatos. Dessa forma, o apelo do profissional de enfermagem para a autoterapia farmacológica como uso sem prescrição médica de analgésicos, antiinflamatórios remete aos riscos de intoxicações, reações alérgicas e interações medicamentosas.

CONCLUSÃO

O estudo mostrou que a prática da automedicação é comum entre a maioria dos profissionais de enfermagem. Os principais fatores que favorecem o uso irracional de medicamento foram a busca para otimizar os sintomas das doenças autodiagnosticadas, a demora do atendimento nos serviços de saúde e indicação de familiares. Os profissionais que mais utilizam medicamentos de forma irracional foram aqueles que prestam serviço na UPA e o enfermeiro se destacou em relação ao técnico de enfermagem no consumo de medicamentos por conta própria e a classe mais referida no estudo foi os analgésicos e antiinflamatórios. E por fim, é necessária uma educação permanente e continuada dentro do ambiente acadêmico no que diz respeito ao autocuidado e automedicação para que os profissionais de enfermagem possam prestar assistência à comunidade de forma resolutive e segura, além de cuidar da própria.

REFERÊNCIAS

1. ALVES DRF, et al. Automedicação: Prática entre graduandos de enfermagem. *Revista enferm UFPE, Recife*, 2019; 13(1): 363-70.
2. ARRAIS PSD, et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista Saúde Pública*. 2016; 50(2): 1-13.
3. AZIZ MM, et al. Pattern of medication selling and self-medication practices: A study from Punjab, Pakistan. *PloS one*, 2018; 13(3): 1-23.
4. BITTAR CML, GONTIJO IL. Automedicação entre as trabalhadoras de enfermagem de um hospital de Uberaba – MG, *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*, 2015; 6(2): 1229-38.
5. CARVALHO TP, et al. Patients' knowledge about medication prescription in the emergency service. *Revista Bras. Enferm. Brasília*, 2018; 71(2): 329-335.
6. COSTA CMFN, et al. Utilização de medicamentos pelos usuários da atenção primária do sistema único de saúde. *Revista Saúde Pública*. 2017; 51(2): 23-45.
7. DIAS MC, et al. Conhecimento quanto aos medicamentos de uso contínuo e automedicação dos usuários atendidos pelos serviços da atenção primária em um bairro da cidade de Manhuaçu-Mg. *Anais do Seminário Científico da FACIG*, 2019; 3(4): 1-9.
8. DOMINGUES MPS, et al. Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde. *Visão Acadêmica*, 2017; 18(2): 1-8.
9. DOMINGUES PHF, et al. Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: revisão sistemática. *Revista Saúde Pública, São Paulo*, 2015; 49(36): 1-10.
10. ESAN DT, et al. Assessment of Self-Medication Practices and Its Associated Factors among Undergraduates of a Private University in Nigeria. *Journal of environmental and public health*, 2018; 3(13): 7-10.
11. GAMA ASM, SECOLI SR. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. *Revista Gaúcha Enferm*, 2017; 38(1): 65111.
12. IURAS A, et al. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil), *Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial*. 2016; 57(2): 104-111.
13. JUNQUEIRA MAB, et al. Alcohol use and health behavior among nursing professionals. *Revista Esc Enferm USP*. 2017; 51(1): 03265.
14. JUNQUEIRA MAB, et al. Sintomas depressivos e uso de drogas entre profissionais da equipe de enfermagem. *Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro*, 2018; 22(4): 20180129.
15. MACIEL MPGS, et al. Uso de medicamentos psicoativos entre profissionais. *Revista enferm UFPE, Recife*, 2017; 11(7): 2881-2887.
16. MATOS JF, et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. *Cad. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro*, 2018; 26(1): 76-83.
17. MORTAZAVI SS, et al. Self-medication among the elderly in Iran: a content analysis study. *BMC geriatrics*, 2017; 17(1): 198.
18. NASCIMENTO WG, et al. Medication and test prescription by nurses: contributions to advanced practice and transformation of care. *Revista latino-americana de enfermagem*, 2018; 26(1): 30-62.
19. OLIVEIRA FA, TEXEIRA EA. Concepções sobre o uso da automedicação pelos trabalhadores de enfermagem em terapia intensiva oncológica. *Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE*, 2016; 10(1): 24-31.
20. OLIVEIRA JKA, et al. Patient safety in nursing care during medication administration. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, 2018; 26(9): 3-17.
21. PALODETO MFT, FISCHER ML. Apropriação da terminologia 'uso consciente de medicamentos' visando à promoção da saúde global. *Reciis – Revista Eletron Comun Inf Inov Saúde*, 2019; 13(1): 191-207.
22. PEREIRA FGF, et al. Automedicação em idosos ativos. *Revista enferm UFPE, Recife*, 2017; 11(12): 4919-28.
23. PEREIRA IF, et al. Depression and use of medicines in nursing personnel. *Arq. Ciênc. Saúde*. 2017; 27(1): 70-74.
24. PEREIRA JQ, et al. Use of antibiotics by adults: a population based cross-sectional study. *Med. J., São Paulo*, 2018; 136(5): 407-413.
25. REIS MAS, et al. Medicamentos potencialmente perigosos: identificação de riscos e barreiras de prevenção de erros em terapia intensiva. *Texto contexto - enferm. Florianópolis*, 2018; 27(2): 57-100.
26. RIVAS RE, et al. Consumo de medicamentos en profesionales y técnicos/administrativos de la salud. *Enfermería: Cuidados Humanizados*, 2018; 7(2): 63-82.
27. SANTOS ANM, et al. Self-medication among participants of an Open University of the Third Age and associated factors. *Revista bras. geriatr. gerontol. Rio de Janeiro*, 2018; 21(4): 419-427.
28. SOUSA, L.A.O et al. Prevalência e características dos eventos adversos a medicamentos, Fortaleza. *Cad. Saúde pública*, 2018; 34(4): 04-17.
29. SOROUGH A, et al. Exploring the perceived factors that affect self-medication among nursing students: a qualitative study. *BMC nursing*, 2018; 17(1): 35.
30. SCHOLZE AR, et al. Uso de substâncias psicoativas entre trabalhadores da enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, Porto*, 2017; 1(18): 23-30.
31. TORO-RUBIO MD, et al. Self-Medication And Beliefs Around Its Practice In Cartagena, Colombia. *Revista Cuidarte*, 2017; 8(1): 1509-1518.
32. VIEIRA DM, CAVELÃO C. Perfil das intoxicações medicamentosas no estado de São Paulo na perspectiva da vigilância sanitária. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, 2016; 9(5): 119-141.